

Os árabes estão prontos para a democracia?

Nicholas D. Kristof, *The New York Times*
O Estado de S.Paulo, 03.03.11

Há tempos, persiste um estereótipo grosseiro segundo o qual alguns povos - árabes, chineses e africanos - seriam incompatíveis com o princípio democrático

Será que o mundo árabe não está preparado para a democracia? Há tempos persiste um estereótipo grosseiro segundo o qual alguns povos - árabes, chineses e africanos - seriam incompatíveis com a democracia. Muitas pessoas no mundo temem que o "poder do povo" possa brotar do caos como na Somália, da guerra civil como no Iraque ou da opressão como no Irã.

Esta concepção foi alimentada pelos ocidentais e, o que é mais triste, por alguns líderes árabes, chineses e africanos. Portanto, enquanto grande parte do Oriente Médio está em revolta hoje, abordaremos sem rodeios uma indagação politicamente incorreta: será que os árabes são politicamente imaturos para adotar a democracia? Esta preocupação é o subtexto de grande parte da ansiedade que as pessoas sentem hoje, de Washington a Riad. É inquestionável que há riscos: a derrubada do xá do Irã, de Saddam Hussein no Iraque, de Tito na Iugoslávia, levaram a uma nova opressão e ao derramamento de sangue.

Em 1997, os congoleses comemoraram a deposição do ditador que estava no poder havia muito tempo, mas a guerra civil que se seguiu desde então é a mais mortífera desde a 2.^a Guerra. Se a Líbia se tornar um novo Congo, se o Bahrein se transformar num satélite do Irã, se o Egito passar a ser controlado pela Irmandade Muçulmana - é possível que o cidadão comum sinta saudades do antigo opressor.

"Antes da revolução, éramos escravos; agora somos escravos dos antigos escravos", declarou Lu Xun, escritor chinês, depois da derrota da dinastia Qing. É este o futuro do Oriente Médio? Não acredito. Além disso, na minha opinião, este raciocínio é um insulto ao mundo que ainda não se libertou.

Nas últimas semanas, no Egito e no Bahrein, experimentei um grande sentimento de humildade diante dos homens e das mulheres corajosos que vi desafiando o gás lacrimogêneo ou as balas em nome da liberdade que para nós é ponto pacífico. Como podemos afirmar que estas pessoas não estão prontas para a democracia pela qual estão dispostas a morrer? Nós, americanos, cuspiamos clichês a torto e a direito sobre liberdade.

Símbolos da revolução. Os defensores da democracia no Oriente Médio estão suportando torturas inimagináveis como preço por sua luta, mas não desistem. No Bahrein, ex-prisioneiros políticos contaram que suas mulheres foram levadas para a cadeia e colocadas na frente deles. Depois os policiais disseram que se eles não confessassem, elas seriam violentadas.

Isso, ou torturas mais convencionais, costumam produzir confissões temporárias e, no entanto, durante anos ou décadas, estes ativistas continuaram sua luta pela democracia. E nós perguntamos se eles estarão suficientemente maduros para a democracia? A linha que, este ano, une o movimento pela democracia da Tunísia ao Irã, do Iêmen à Líbia, é a coragem inabalável.

Nunca esquecerei de um homem cujas pernas haviam sido amputadas que vi na Praça Tahrir, no Cairo. Enquanto os capangas de Hosni Mubarak atacavam com pedras, paus e coquetéis Molotov, este jovem não hesitou e empurrou sua cadeira de rodas para a linha de frente. E nós duvidamos de sua compreensão do que seja democracia? No Bahrein, vi uma fileira de homens e mulheres avançarem desarmados na direção das forças de segurança, quando, um dia antes, as tropas haviam aberto fogo sem piedade.

Alguém ousará dizer que estas pessoas são demasiado imaturas para a democracia?

Sem dúvida, encontrarão obstáculos pela frente. Os americanos levaram seis anos depois da Guerra Revolucionária para eleger um presidente e por pouco os EUA não se dividiram na década de 1860. Quando a Europa Oriental se tornou democrática depois das revoluções de 1989, na Polônia e na República Checa a transição não apresentou problemas, mas a Romênia e a Albânia suportaram o caos durante anos.

Em geral, depois de alguns erros, os países encontram seu caminho. Educação, riqueza, relações internacionais e instituições da sociedade civil poderão ajudar. Por outro lado, hoje, Egito, Líbia e Bahrein estão em melhores condições para exercer a democracia do que a Mongólia ou a Indonésia na década de 90 - e a Mongólia e a Indonésia hoje têm uma história de sucesso.

Há poucos dias, o premiê britânico, David Cameron, visitou o Oriente Médio e admitiu francamente que a Grã-Bretanha apoiou regimes autoritários por muito tempo para que se pudesse esperar a estabilidade. Admitiu que seu país acreditara na ideia sectária "de que árabes ou muçulmanos não podem exercer a democracia". E acrescentou: "Na minha opinião, trata-se de um preconceito que beira o racismo. É ofensivo e errado, é uma mentira".

E, no entanto, esta visão continua sendo apregoada pelas ditaduras árabes, particularmente a Arábia Saudita - e, evidentemente, pelos líderes da China e por quase todos os déspotas africanos. É lamentável que os ocidentais se mostrem tão intolerantes, mas é ainda mais lamentável que os líderes do mundo em desenvolvimento expressem esse tipo de preconceito a respeito de seu próprio povo.

No século 21, não existe alternativa viável à ideia do poder popular. O professor William Easterly, da New York University, propõe uma norma de reciprocidade: "Eu não apoio a autocracia na sua sociedade porque não quero a autocracia na minha sociedade". Este deveria ser nosso novo ponto de partida.

Estou impressionado com a coragem que testemunhei e é mesquinho e absurdo sugerir que pessoas que morrem pela democracia não estão preparadas para exercê-la. / TRADUÇÃO DE ANNA CAPOVILLA